

Defender o ambiente, valorizar os resíduos



Todos nós, cada cidadão ou cidadã, ou as empresas, produzimos diariamente resíduos que não sendo devidamente tratados irão macular o meio ambiente. Contudo evolui-se para conceitos de sustentabilidade ambiental, através de uma consciência de que defender e preservar o ambiente é preciso.

A Renascimento - Gestão e Reciclagem de Resíduos, Lda, é uma empresa vocacionada para a Gestão global de resíduos de uma forma ambientalmente correta. Sendo uma referência no mercado da gestão global de resíduos, pela sua postura e forma de trabalhar, tornou-se um importante agente nos meios de quem intervém no ambiente em Portugal. Importa conhecer bem esta empresa. Por isso fomos ao encontro da Renascimento e conversamos com a sua Diretora executiva, a Dr^a. Elsa Nascimento.

Pode-nos resumir o percurso inicial da Renascimento de forma a entendermos como esta se afirmou?

A Renascimento foi constituída em 1995. Nessa altura os resíduos não eram tratados, o seu peso em termos de efeito na sustentabilidade ambiental, não era muito tido em conta. Com a criação da Renascimento, quisemos atuar ambientalmente, prestando serviços com um código de ética rigoroso, e com uma filosofia de gestão orientada para a procura das melhores soluções aos nossos clientes e parceiros. Tratando resíduos, não quisemos ser mais uma empresa de sucatas, de lixo.

A Renascimento, iniciou-se já com trabalhadores devidamente formados, prestando serviços com condições de segurança e higiene. Queríamos ser reconhecidos pelo nosso mérito e dedicação ambiental entre os nossos clientes, os cidadãos em geral, e as entidades governamentais. Não existia na altura legislação que definisse os requisitos para se licenciar e para trabalhar numa empresa como a Renascimento. Em 1997 surge legislação



Elsa Nascimento, diretora executiva

que definia os requisitos mínimos para se criar uma indústria, uma empresa na área da reciclagem. Isso foi fundamental, enquadrou-se nos nossos objetivos e na nossa maneira de trabalhar. Adaptamos a empresa a esses requisitos legais, que no fundo eram uma transposição das primeiras diretivas europeias. Encontramos então um terreno devidamente apropriado para podermos iniciar a construção da nossa primeira unidade. Iniciamos a construção da unidade de acordo com a legislação em vigor, obtivemos os licenciamentos por parte do Ministério do Ambiente. Penso, aliás que foi a licença número dois nesta área. O nosso trabalho e o nosso sistema de gestão contaram com todos os processos e procedimentos conformes na altura com as normas da qualidade, do ambiente e da segurança.

Como entrou a Renascimento no século 21 e como enfrentou a crise que se fez sentir a partir de 2007?

Em 2001, 2002, submetemos os nossos sistemas de gestão a certificação, mantendo-nos numa conduta de trabalho pautada pela qua-

lidade e segurança. Isto na altura demonstrou ao mercado que a Renascimento era uma empresa diferente. Cumprimos a rigidez das muitas exigências legais e foi valorizada a nossa certificação. Assim crescemos rapidamente mas solidamente também. Criamos os meios para nos distinguirmos. Crescemos dos quatro colaboradores para os mais de duzentos atuais. Foi o crescimento sustentado de uma empresa familiar que conquistou uma boa carteira de clientes. Mostramos valor acrescentado aos clientes e fomos crescendo. Em 2007 aparece a primeira grande crise e perdemos alguns clientes, algum volume de negócio. Reestruturámo-nos estrategicamente e ativamos a necessidade urgente em dar valor acrescentado aos resíduos. Não podíamos crescer em número de clientes porque o mercado reduziu, tivemos que dar valor ao material que tínhamos, mais de uma centena de toneladas de resíduos. Valorizamos estes materiais em vez de dar esse valor a terceiros. Investimos para fazer uma triagem mais pormenorizada e mais refletida dos materiais. Investimos em linhas de transformação de madeira em bio-

massa e em material para a indústria de transformação da madeira, sendo a de maior qualidade para a reciclagem a de menor qualidade para biomassa. Investimento numa linha dedicada de desmantelamento e processamento de material elétrico e eletrónico. Outro grande investimento, inovador até em termos europeus, é a nossa linha referenciada como uma das melhores em termo de desmantelamento de pequenos eletrodomésticos.

A Renascimento faz também tratamento de resíduos automóveis?

Dentro da área dos metais, trabalhamos as viaturas em fim de vida. Também temos um centro de abate de viaturas em fim de vida que são descontaminadas. Descontaminar é tirar todos os componentes perigosos que as viaturas tenham. Os óleos, as baterias, os detergentes dos lava-vidros, os amortecedores. Legislação específica veio criar os centros de abate. A Renascimento estando nessa área aderiu e tem três centros de receção de viaturas em fim de vida. Trabalhamos com algumas empresas que fazem a revenda de peças usadas. Mandamos regularmente a lista das viaturas usadas procurando saber se alguém esta interessado nessas peças para reutilização.

Por onde passa o futuro da Renascimento?

Continuar o trabalho que já está a ser feito de uma forma intensiva há seis anos e continuar a operar nesta cadeia de valorizar os resíduos que nos chegam. Trabalhar estes processos, ajudando os nossos clientes a separar melhor, a dar mais valor aos seus materiais, e de alguma forma contribuirmos para uma menor quantidade de resíduos colocados em aterro e para uma maximização da reutilização, da reciclagem. A Renascimento tem três polos. Estamos aqui em Loures, numa unidade com cerca de 70.000 mil metros quadrados, estamos numa unidade em Santa Maria da Feira e temos outra unidade no Algarve, na Guia e ainda temos três 3 Centros Receção e Abate Viaturas em Fim de Vida. Em termos de investimento de médio e curto prazo estamos a implementar esta unidade de Loures com mais 3.000 metros quadrados e um pavilhão novo onde estamos a fazer a montagem dos equipamentos